

A Cidade

18/5/1984

GUARIBA

José Roberto Garcia

Não seria correto minimizar dois eventos de massa, que se deram ultimamente no Estado de São Paulo. O primeiro deles, embora acreditando-se tenha sido motivado por fenômeno exclusivamente político, levou ao vale do Anhangabaú 1 (hum) milhão de pessoas. O segundo, que preencheu as páginas dos jornais da região nesta semana, foi a violenta manifestação de Guariba, que deixou saldo de 1 morto, 30 feridos e muita destruição.

Ambos os fatos, tanto os comícios pela Diretas, como o quebra-quebra dos bóias-frias, não é fenômeno costumeiro nesta nação. De uma forma ou de outra, diagnosticam uma insatisfação comunitária contra o "modus vivendi" a que hoje estamos sujeitos neste país. Poder-se-ia dizer, que o desagrado é com a inflação, a defasagem no valor dos salários, os aumentos das prestações do BNH, etc, etc... A verdade no entretanto, é que uma insatisfação não localizada, sobrepõe-se a vocação ordeira e pacifista de nossa gente.

Tanto é verdade esta inquietação popular, que o experiente governador mineiro, Tancredo Neves, advertiu ainda esta semana, os meios políticos de que: — "Não foi a eleição direta que levou o povo às ruas. Há uma insatisfação com o governo muito ampla que pode explodir."

Lembrando o teólogo Paul-Eugene Charbonneau, "No círculo infernal, passa-se diretamente do choque econômico à exasperação social."

Não sei se assiste razão a Tancredo Neves, quando vê risco de explosão social ou se estamos próximos ou distantes do "círculo infernal", cantado por Charbonneau. Porém, constatações como o quebra-quebra em uma cidade interioriana e pacífica como Guariba, leva-nos a sérias preocupações.

Qualquer análise sociológica, ainda que primária, ensina muito bem que, embora os movimentos de massa tenham início de forma consciente, obedecem depois forças atávicas irracionais. Assim, se o motivo lógico dos incidentes de Guariba, nasceu do desentendimento pela pagamento da mão de obra de bóias-frias, o desenrolar dos acontecimentos não obedeceu aos ditames da razão. Perderam-se rebelados e forças responsáveis pela ordem, degenerando no que se viu: — a destruição, a morte e a insegurança.

O perigo está exatamente nesse princípio sociológico, pelo qual é cientificamente aceito, que a massa se conduz sempre de forma insana, quando a violência toma lugar dos postulados racionais. Aqui tudo se deu em um conflito, onde não envolveu mais do que 4.000 pessoas, em uma pequena cidade rural. Imaginemos se este mesmo fato ocorresse no ABC, com a participação de 2 milhões de manifestantes? Qual seria hoje o saldo de um choque desta monta?

Querer dar ao quebra-quebra de Guariba uma conotação eminentemente ideológica ou seja, atribuir ao incidente apenas um fenômeno de confronto entre capital e trabalho, é mais que assumir a política da avestruz. Articuladores de tendências doutrinárias exóticas podem e certamente agiram em meio ao povo, mas a violência só houve porque no desespero não se viu outra forma de fazer valerem as reivindicações.

Longe de justificar àqueles que quebraram a ordem em Guariba, mas não podemos também deixar de notar, que uma reforma de caráter moral e ético se impõe aos responsáveis pela coisa pública. Seja aqui na provinciana cidade vizinha, seja no complexo Industrial de São

Paulo, no carente nordeste ou em Brasília, urge que se ouça o clamor social enquanto é tempo, antes que tudo degenere em violentos acontecimentos de desastrosas proporções.

A partir de amanhã, em dois artigos sucintos, abordaremos o problema das reformas sociais no contexto político nacional.

(Primeira página)